

EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER, MEMÓRIA, AFETIVIDADE E O PLANO DIRETOR EM UMA CIDADE AMAZÔNICA: UMA VISÃO JACOBSIANA¹

PASSOS DE OLIVEIRA, A. C. S. N., Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, email: profnascimento@unifesspa.edu.br; SILVA, E. G., Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, email: eduardatabatasilva@gmail.com; VILANOVA RODRIGUES, J. V. C., Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, email: chevilanova@gmail.com; OLIVEIRA JUNIOR, J. P., Universidade Federal do Pará, email: jnr.passos@gmail.com

ABSTRACT

The Amazonian cities present, as a result of their unbalanced structuring process, several urban problems. In Jane Jacobs's view interventions through urban reforms should consider the categories, sidewalk, street, block, neighborhood and squares. More than half a century after the consecration of this author's works, and a decade after the implementation of the Master Plan of the city of Marabá, State of Pará, Eastern Amazonia, Brazil, one perceives a misalignment between the adopted measures of intervention in the constructed environment, and consideration with users. This work presents an analysis of three leisure facilities in this city, demonstrating the incongruity between the planned actions and the reality of the places. An ethnographic study seeks not only to present the mismatch of interventions with the real needs of the residents, but, as it is crucial to seek ways of insertion of the residents in the decision-making process, not only at the time of the preparation of the Master Plan, during the implementation of its actions. Thus, this work evidences the need for participatory mechanisms, in the decision-making process, to be able to incorporate the residents' goals, achieving more adherence and that actions are indeed perceived and welcomed.

Keywords: Praça. Participação. Plano Diretor.

1 INTRODUÇÃO

Jane Jacobs foi uma jornalista e ativista de uma nova forma de pensar o planejamento urbano. Em sua obra *The Death and Life of Great American Cities*, publicada pela primeira vez em 1961, a autora apresenta, de maneira didática e sistemática, categorias de análise da cidade, e a partir delas, demonstra os êxitos e equívocos das ações governamentais. Por mais que seja uma obra sobre cidades americanas a história urbana brasileira apresenta, por vezes e para além das singularidades, pontos convergentes.

Pensar a cidade a partir da ótica das pessoas foi uma das grandes contribuições da autora. Pensamento concordante com Gehl (2010), como outros urbanistas no decorrer de meio século da obra de Jane Jacobs. As categorias propostas por estas foram a calçada, a rua, a quadra, o bairro e as praças.

Contudo, ao se refletir sobre as duas primeiras categorias levantadas pela

¹ PASSOS DE OLIVEIRA, A. C. S. N., SILVA, E. G., VILANOVA RODRIGUES, J. V. C. Equipamentos públicos de lazer, memória, afetividade e o plano diretor em uma cidade amazônica: uma visão jacobsoniana. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 17., 2018, Foz do Iguaçu. **Anais...** Porto Alegre: ANTAC, 2018.

autora, calçadas e ruas, percebe-se que o modelo de urbanismo implantado na Amazônia privilegiou o rodoviarismo (BIBAS e CARDOSO, 2016). Sendo essa desconsideração das calçadas, como meio gratuito e genuíno de fruição da cidade, a realidade em muitas outras cidades brasileiras, como apontado por Yázigi (2000), Malatesta (2007) e Sasaki (2009).

Dessa forma, na visão de Jacobs (2011), é pouco provável que a vivacidade da rua floresça, uma vez que seu espaço embrionário que é a calçada, não está adequado à Norma Brasileira Regulamentadora – NBR 9050/2015.

Assim, a integração das residências com as vias, fica limitada. Sendo a conexão dos fluxos de pessoas, definido pelos carros, criando, desse modo, ruas soturnas com pouca vivacidade e aumentando a sensação de insegurança e/ou de pouco interesse em frequentar aquele espaço urbano (JACOBS, 2011). Dessa forma, dificilmente, a vivacidade da rua, que se tornou apenas um ponto de passagem, irá se alastrar pela quadra, e, por conseguinte, pelo bairro.

Em relação as praças, elas podem funcionar como ponto de convergência e sociabilidade, conforme expressa Jacobs (2011) e Alex (2008).

As praças, passam por um processo fragmentário de intervenção, com pouca conectividade com a sociedade, levando ao seu abandono. Isso pode ser percebido em inúmeras matérias jornalísticas como, por exemplo, a manchete de Oliveira (2017): “Sujas e inseguras, abandono de praças afasta visitantes”, no jornal Diário do Pará. Basta um breve passeio por muitas cidades brasileiras, para perceber esse estado de abandono.

Todavia, como expressa o Artigo 6º da Constituição Federal o lazer é um direito social (BRASIL, 1988). Sendo as praças uma forma de materialização de tal direito, os Planos Diretores previam uma série de ações, dentre as quais, estas eram um dos polos de atuação. Muitas cidades desenvolveram essas ações no limiar de expirar o prazo de seus planos diretores, como foi o caso da cidade de Marabá.

Assim, passada uma década de vigência do Plano Diretor da cidade de Marabá, esse trabalho, por meio de uma pesquisa etnográfica, apresenta a aderência das ações a população alvo, e se a vitalidade esperada por esse investimento público foi alcançada.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para realização dessa pesquisa, adotou-se um percurso etnográfico, pois como elenca Mattos (2011) a pesquisa etnográfica permite captar as impressões, vivências e visões do pesquisado e não do pesquisador. Assim, tendo os usuários das praças como os pesquisados, poder-se-ia captar a visão deles sobre esses equipamentos públicos e suas impressões sobre a condição e das ações governamentais em tais equipamentos. Para realização da pesquisa se fez uso da observação (por meio de pesquisa de campo) e entrevistas.

As entrevistas foram realizadas por meio de questionário assistido, baseado no

modelo proposto por Bruyne, Herman e Schoutete (1977).

A pesquisa de campo foi realizada em um quadra poliesportiva e duas praças da cidade de Marabá, sudeste do estado do Pará, Amazônia Oriental, Brasil. Foram entrevistadas 50 pessoas no total. A sede municipal de Marabá é dividida em núcleos, assim, escolheu-se visitar o Núcleo São Félix e o Núcleo Marabá Pioneira, o primeiro de ocupação mais recente, e o último o ponto de início do processo de ocupação da cidade.

Para a análise do discurso das respostas dos usuários, primeiro estas foram aglutinadas em grupos homólogos e adotados temas sinônimos para que estas fossem apresentadas como resultados.

As categorias de análise adotadas e a fundamentação da análise se baseia na visão de Jacobs (2011).

3 EQUIPAMENTOS PÚBLICOS DE LAZER: MEMÓRIAS, AFETIVIDADES E AÇÕES PÚBLICAS

No caso do Núcleo São Félix, onde foram visitadas uma quadra poliesportiva e uma praça, não existem calçadas dentro do padrão normativo. Mesmo nas áreas constituídas por conjuntos habitacionais, quase não existem calçadas e quando essas estão presentes, encontram-se completamente fora dos padrões mínimos previstos na NBR 9050/2015. Caso semelhante em relação ao Núcleo Marabá Pioneira.

Desse modo, pode-se avaliar que dificilmente o florescer da vida nas calçadas, com multiplicidade de público, circulação de pessoas, e uma rede de contatos e convívios, irá ocorrer, se considerar-se o pressuposto de Jacobs (2011) sobre essa categoria (Figura 1).

Assim, as vias são pouco movimentadas, exceto aquelas onde existam atividades de prestação de serviço. Desse modo, uma via arterial principal em cada Núcleo detém por um momento do dia, a circulação de público, por meio de automóveis. Logo, é difícil supor que o dinamismo urbano se espalhe pelos núcleos.

Com isso, a maior parte dos núcleos é soturna, e considerada perigosa para deambulação por 70% dos entrevistados.

Um projeto da municipalidade foi realizado para as calçadas da via principal do Núcleo Marabá Pioneira, que apresenta movimento de pedestres. Contudo, o mesmo não foi concluído, nem tão pouco alterou a realidade da via, que apresenta movimento durante o horário comercial, e à noite e aos finais de semana mantém-se soturna.

Com relação a praça do Núcleo São Felix, percebe-se seu estado de abandono e baixa frequência. Segundo os moradores, estes evitam o perímetro por considerá-lo pouco seguro.

O ponto de sociabilidade do núcleo é a quadra poliesportiva (Figura 2). De acordo com os usuários nela é possível desenvolver uma série de atividades de lazer, além de esportes e eventos festivos.

Figura 1 - Aspecto geral das vias do Núcleo São Félix.



Fonte: Extraído do Google Street View, 2017

O equipamento, inclusive, passou por algumas melhorias realizadas pelos próprios usuários, sem apoio financeiro dos órgãos públicos. Quando indagados por qual razão estes não realizavam o mesmo pela praça do núcleo, em geral, alegava-se que ninguém a frequentava.

A municipalidade optou por intervir na praça do Núcleo Marabá Pioneira, revitalizando-a e modificando radicalmente a sua ambiência, o que foi motivo de desconforto para a maioria dos moradores do entorno. Apesar da revitalização, a praça é frequentada esporadicamente nos finais de semana. Vale ressaltar também que mesmo que esta fique nas proximidades do principal ponto turístico da cidade, a orla, ela ainda é pouco frequentada durante a semana.

Uma praça próxima, a distância aproximada de 100 metros, também no Núcleo Marabá Pioneira, apesar de não ser alvo de ações recentes de revitalização, apresenta um público mais frequente durante o decorrer do dia.

Figura 2 - Quadra Poliesportiva do Núcleo São Félix.



Fonte: Extraído do Google Street View, 2017

O processo de revitalização ocasionou certa mobilização nos moradores que fundaram uma associação para salvaguarda das praças da cidade. De acordo com os moradores a revitalização considerou pouco sobre as características históricas da praça, modificando drasticamente sua arquitetura, levando ao temor que o processo se alastre por outras praças do município.

Apesar de se situar no núcleo de fundação da cidade e o Plano Diretor prevendo a criação de uma poligonal de conservação do sítio histórico da cidade, mesmo passada uma década de sua implantação, a poligonal

nunca foi traçada. Assim, a praça, não está salvaguardada por nenhuma lei de tombamento.

Apesar da associação, o padrão de modificações radicais da estética das praças se seguiu por toda a cidade, para descontentamento de 90% dos entrevistados. O Plano Diretor apesar de prever ações de preservação da memória e do patrimônio histórico de Marabá, devido à ausência de políticas de salvaguarda implantadas, nenhum mecanismo legal está vigente para proteger a arquitetura original das praças.

Dentro da visão de Jacobs (2011) a preferência de alguns espaços de lazer em detrimento de outros é explicada pela dinâmica de acesso aos lugares (as pessoas não frequentam lugares soturnos) e dependeria da ação coletiva, tanto dos moradores como da prefeitura, para ações de reapropriação do espaço.

Ainda na perspectiva da autora seria necessário uma série de ações estruturadas coordenadas, muito além de obras de revitalização, que considerassem as preferências dos usuários por certos espaços e permitisse a sua integração (JACOBS, 2011). Observando os referidos equipamentos investigados, notou-se sua fraca ligação com os aglomerados urbanos por meio de passeios públicos, que os integrassem a dinâmica urbana.

4 CONSIDERAÇÕES

Observado o caso da cidade de Marabá, de dois de seus núcleos, nota-se que as ações públicas, por mais bem-intencionadas que sejam, por vezes, não refletem as reais necessidades do seu público alvo. Em detrimento da revitalização do único espaço de sociabilidade utilizado em um núcleo, optou-se por intervir em outro, sendo realizada uma obra, vista por grande parte dos usuários, como danosa a memória e afetividade das pessoas da cidade.

Um fator positivo foi que as ações da municipalidade estimularam a organização social em defesa do que os usuários consideram como patrimônio. Contudo, sem os meios disponíveis para acesso ao processo decisório, pouco se pode de fato ser angariado pela organização civil. Fato esse negativo, pois a organização social em prol de uma pauta genuína deveria ser estimulada e utilizada para melhoria da vida urbana.

Por fim, a partir desse trabalho, percebeu-se que em decorrência do processo urbano de Marabá estimular a proliferação de ruas soturnas, é deveras difícil a realização de pesquisas de antropologia social. A equipe de trabalho, por diversas vezes foi alertada sobre os riscos de estar desenvolvendo atividades de pesquisa naqueles espaços, demonstrando a visão dos moradores e usuários sobre aqueles equipamentos.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que de forma direta ou indireta nos ajudaram na concessão desse trabalho, sobretudo, a parcela da população do Núcleo

São Félix e do Núcleo Marabá Pioneira, por nos ter facultado a oportunidade de enxergar a cidade por olhos de quem é mais atingido pelo descaso com os equipamentos públicos de lazer, memória da cidade de Marabá-PA. E ainda nossa instituição de ensino que nos deu completo apoio na realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS

ABNT ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050**: 2015. Acessibilidade de pessoas portadoras de deficiências a edificação, espaço mobiliário e equipamentos urbanos / Associação Brasileira de Normas Técnicas. Rio de Janeiro: ABNT, 2015. 148p.

ALEX, Sun. **Projeto da Praça: Convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

BIBAS, Luna; CARDOSO, Ana Cláudia. Redesenhos para Marabá PA. Aspectos socioambientais e desenho urbano. **Arquitextos**, São Paulo, ano 17, n. 199.07, Vitruvius, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/17.199/6357>>. Acesso em 28 de março de 2018.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M.; **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais: os polos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

GEHL, Jan. **Cidades para as pessoas**. Editora Perspectiva, 2010.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades** / Jane Jacobs ; tradução Carlos S. Mendes Rosa ; revisão da tradução Maria Estela Heider Cavalcanti ; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. – 3 ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção cidades)

MALATESTA, Maria Ermelina Brosch. **Andar a pé: um modo de transporte para a cidade de São Paulo**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A., orgs. **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 12 de novembro de 2017.

OLIVEIRA, Leidemar. **Sujas e inseguras, abandono de praças afasta visitantes**. Matéria jornalística. Diário do Pará, 17 de julho de 2017. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-434207-sujas-e-inseguras-a-abandono-de-pracas-afasta-visitantes.html>>. Acesso em: 28 de março de 2018.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, Ano XII, mar./abr. 2009, p. 10-16.

YÁZIGI, Eduardo. **O Mundo das Calçadas**. São Paulo: Humanitas, 2000.